

BANDO ANUNCIADOR DE SANT'ANA: CULTURA, FESTA E LAZER NAS RUAS DA PRINCESA DO SERTÃO

Recebido em: 02/05/2020

Aprovado em: 22/10/2020

Licença: 

Adriana Priscilla Costa Cavalcanti

Luís Vitor Castro Júnior

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Feira de Santana – BA – Brasil

Coriolano Pereira da Rocha Junior

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador – BA – Brasil

RESUMO: Este artigo trata sobre o Bando Anunciador, que surgiu no século XIX com o intuito de anunciar as celebrações em devoção a Nossa Senhora Sant'Ana pelas ruas de Feira de Santana-Bahia. Como metodologia utilizamos a revisão de literatura e análise de fotografias do desfile do Bando, que ainda ocorre todos os anos no centro da cidade. Objetivamos descrever e analisar os elementos presentes nesta comemoração, que podem concebê-la enquanto prática de lazer dos feirenses, por considerarmos os momentos de diversão na rua com o Bando, enquanto lugar de ambivalência, no qual os corpos reinscrevem histórias através de suas fantasias, danças e brincadeiras, bem como podem render graças à sua Santa Padroeira. Assim, essa experiência festiva entra no rol das práticas permissivas no tempo disponível e de modo desinteressado pelos sujeitos, se constituindo na atualidade, como uma possibilidade aberta de lazer para o povo feirense.

PALAVRAS-CHAVE: Bando Anunciador de Sant'Ana. Atividades de Lazer. Cultura. Festa.

THE BANDO ANUNCIADOR DE SANT'ANA PARADE: CULTURE, CELEBRATION AND LEISURE IN THE STREETS OF THE PRINCESS OF THE SERTÃO

ABSTRACT: This article discusses the Bando Anunciador (Cultural Parade), which appeared in the 19th century with the purpose of announcing the celebrations in devotion to Nossa Senhora Sant'Ana (the patroness of the city of Feira de Santana) through the streets of Feira de Santana-Bahia. As a methodology, we used the literature review and the analysis of photographs from the Bando Parade, which still occurs every year in the city center. We aim to describe and analyze the elements that are present in this celebration, which can conceive of it as a leisure practice of the people of Feira de Santana, because we consider the moments of fun in the street with the Bando Parade, as a place of ambivalence, in which the bodies rewrite histories through their costumes, dances and jokes, as well as they can surrender thanks to their Holy Patroness. Thus, this celebration experience is included in the list of permissive practices in the available time

and in a disinterested way by the subjects, constituting nowadays, as an open possibility of leisure for the people of Feira de Santana.

KEYWORDS: The Bando Anunciador de Sant'Ana Parade. Leisure Activities. Culture. Celebration.

Introdução

O Bando Anunciador de Sant'Ana é uma das celebrações que compõem a Festa de Sant'Ana. Ele surgiu no século XIX, na cidade de Feira de Santana-Ba, tendo como objetivo anunciar às comemorações em devoção a padroeira da cidade, Nossa Senhora Sant'Ana (OLIVEIRA R., 2014). Segundo Machado (1966, p. 69) a Festa de Sant'Ana é considerada como uma “reedição na área interiorana da maior festa religiosa da Bahia – o Bonfim [...]”.

Mesmo possuindo essa relação com os festejos soteropolitanos, a partir do que afirma Rennan Oliveira (2014), nos é possível compreender que a Festa de Sant'Ana, principalmente no início e meados do século XX, possuía singularidades que fizeram dela locus de intensidades e potencialidades da expressão cultural da população feirense, maior até mesmo que a própria micareta da cidade, que só veio a ganhar corpo, de fato, entre os anos de 1980-1990.

Isso aconteceu, provavelmente, pelo fato da existência de uma forte ligação histórica entre os feirenses, principalmente os devotos, e sua padroeira, considerada a Advogada Celestial da cidade. Por conta dessa ligação é que a cidade tem este nome: Feira de Santana. Ao se emancipar de Cachoeira em 1832, tornou-se Vila, e, posteriormente, visto seu perfil comercial e sua feira de gado, consolidou-se a cidade Comercial de Feira de Santana, isto no ano de 1873 (OLIVEIRA R., 2014, MACHADO, 1966). Assim sendo, em “um combinado da expressão de fé e tradição, a emancipada Vila se tornara Feira de Santana, tendo como uma de suas principais marcas as homenagens anuais prestadas a Sant'Ana” (OLIVEIRA R., 2014, p. 12).

Dentro do circuito de celebrações a Nossa Senhora Sant'Ana, além do Bando Anunciador, existiam outras manifestações como:

[...] o Pregão, [...] a Lavagem do Templo, a Lavagem a Lenha, as novenas e trezenas, as missas e, por fim, a procissão recepcionada com queima de fogos, quermesse e apresentações das filarmônicas e retretas, que faziam suas performances antes das missas e novenas (OLIVEIRA R., 2014, p. 13).

Cada momento desses ajudava a configurar a grande festa em tributo a Padroeira de Feira de Santana e era repleto de singularidades, sentidos, significados e simbolismos, se constituindo como expressão de uma cultura popular local, que desde sua produção, até o “consumo” por aqueles que participavam dos festejos, podia ser apropriada de vários modos e (re) significada e (re) inventada a todo instante (OLIVEIRA R., 2014).

Desse modo, entende-se aqui cultura popular, segundo Chartier (1995), como uma categoria criada pela “dita” cultura erudita, a fim de desqualificar a cultura do outro, daqueles que não pertenciam ao estabelecido hegemonicamente. Porém, ao mesmo tempo em que a cultura popular era posta como algo de pouca importância, quando bem servia, se constituía marco em “proveito de uma cultura nacional e republicana”, valorizando suas dimensões “criadora, plural e livre”. Assim sendo, “O destino historiográfico da cultura popular é, portanto, ser sempre abafada, recalcada, arrasada, e, ao mesmo tempo, sempre renascer das cinzas” (CHARTIER, 1995, p. 181).

Ainda nesse terreno complexo e movediço de querer conceituar cultura popular, Hall (2003, p. 93) chama atenção para necessidade de que “no estudo da cultura popular, devemos sempre começar por aqui: com o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa em seu interior”. Para além de pensar cultura popular, importante é contextualizar o processo de tradução cultural (HALL, 2003), tendo em vista a dinâmica pela qual a cultura vai se modificando com a intensificação da modernidade, dos processos de “globalização cultural”, e por considerar que as relações culturais se constituem dialeticamente entre forças políticas e ideológicas. Estamos pensando na

história como movimento de descontinuidade; nessa dinâmica, a cultura no espaço público da festa se intensifica na produção de novas estéticas-éticas cujo passado se revigora no presente.

Atualmente, temos o Bando Anunciador, como uma manifestação revitalizada pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, a partir de 2007, em conjunto com os atos litúrgicos. Haja vista que, mesmo com sua tradição e importância para a cidade, em 1987, os atos do Bando foram interrompidos pelo poder eclesiástico, que na figura do Bispo Dom Silvério Albuquerque, alegava que o bando Anunciador tinha perdido o significado inicial do seu surgimento, tendo em vista a carnavalização da festa (LÉLIS, 2015).

Assim, mesmo com essa interrupção e posterior retomada, podemos compreender que o Bando Anunciador, enquanto manifestação cultural da cidade de Feira de Santana é um dos elementos constituintes da grande festa em devoção a Nossa Senhora Sant'Ana, tornando assim um espaço-tempo de lazer, que, segundo Marcellino (2008, p. 31) pode ser visto como:

[...] a cultura compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação.

Além disso, para além da relação existente entre o Bando Anunciador e as questões de ordem religiosa, pode-se perceber que ao longo desta manifestação existiu a possibilidade de encará-la como lazer, haja vista que o espaço da rua se abre para outro devir, para outra situação de intensidade dos corpos de anunciar a festa, muitas vezes, diferentes do sentido litúrgico colocado pela igreja. As apropriações e (re) significações feitas pelos corpos/sujeitos participantes desta prática cultural na cidade de Feira de Santana explicita essa ideia do Bando Anunciador enquanto lugar de lazer popular, cuja

experiência do corpo na festa nos leva a pensar em outra possibilidade, no qual Milton Santos revela:

[...] há também um lazer popular, rebelde às estatísticas, produzindo, de baixo para cima, formas ingênuas de distração coletiva, provindas do exercício banal da existência, criadas na emoção e geradoras de solidariedade e de trabalho. Sua espontaneidade é, na base da sociedade, a garantia de sua permanência, criatividade e renovação [...] (SANTOS, 2000, p. 34).

Sobre corpo, aqui o entendemos como aquele que representa o contato do ser com o meio, com o outro, que se expressa, que sente que é biológico, mas também é simultaneamente social, cultural, histórico. Para Le Breton (2010, p. 29), o corpo “não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais”.

A partir destes dados iniciais, nos interessa saber como o Bando Anunciador de Sant'Ana, enquanto manifestação do corpo na festa, bem como expressão da cultura em Feira de Santana, se constituiu em prática de lazer na cidade. Para tanto, nosso objetivo foi descrever e analisar os elementos presentes no Bando Anunciador de Sant'Ana, que podem concebê-la como prática de lazer/diversão dos feirenses. Além disso, se faz necessário contextualizar historicamente o surgimento de Feira de Santana; identificar como o espaço da rua se constituiu em lugar festivo e elemento importante para as comemorações à Santa Padroeira dos feirenses, e por fim, descrever os elementos que vislumbram o Bando Anunciador enquanto prática de lazer da população da Princesa do Sertão, a partir das imagens fotográficas.

A relevância deste trabalho se dá em permitir reconhecer o Bando Anunciador como elemento constitutivo de uma possível identidade cultural feirense, bem como uma possibilidade de lazer aberta à população, independente de credo, condição social,

questões étnicas ou de gênero. Sendo assim, espaço-tempo de uma educação para e pelo o lazer, como diz Marcellino (2008).

No aspecto metodológico, trabalhamos sob a perspectiva da revisão de literatura, recorrendo à pesquisa bibliográfica, utilizando dissertação de mestrado, livros, trabalhos de conclusão de curso de graduação em Educação Física e material jornalístico local que fale sobre o Bando, tendo em vista a pouca produção sobre este tema. Utilizamos como fonte, também as fotografias como registro, produzidas nas andanças com o bando Anunciador de Sant'Ana.

Incorporamos a fotografia enquanto texto imagético que nos ajuda (ou) relembrar os acontecimentos do campo, pois ela abarca uma multiplicidade de vestígios da realidade, tangenciando todo um campo de significação do espaço público, onde os corpos assumem a centralidade da imagem fotográfica denotando experiências gestuais.

Este artigo é composto por mais três seções além da introdução e das considerações finais: 2. Como surgiu uma cidade: Feira de Santana, a Princesa do Sertão, trazendo um breve histórico do desenvolvimento da cidade, no qual aparece a relação com a Santa Padroeira; 3. A Festa de Sant'Ana: o espaço da rua como lugar festivo nas comemorações da padroeira de Feira de Santana, no qual identificamos como o ato festivo pode fazer do espaço da rua, lócus de devoção a Nossa Senhora Sant'Ana; 4. O Bando Anunciador de Sant'Ana: a cultura popular enquanto prática de lazer dos feirenses, onde procuramos descrever os elementos que apresentam esta manifestação cultural como possibilidade de lazer para a população de Feira de Santana.

Como Surgiu uma Cidade: Feira de Santana, a Princesa do Sertão

Feira de Santana se originou “do desmembramento da grande sesmaria de Tocós, de propriedade de Antônio Guedes de Brito [...]” (SILVA, 2000, p. 16). Desse

desmembramento, surgiriam várias fazendas. Uma delas era a Santana dos Olhos da Água, cujos donos eram Domingos Barbosa e Ana Brandão, na qual se ergueu uma capela em devoção a Santa Ana, e por isso foi dado o nome de Santana dos Olhos d'Água à propriedade (POPPINO, 1968; SILVA, 2000).

Quando os viajantes precisavam descansar, comer e beber água era a Santana dos Olhos d'Água que lhes concedia abrigo para, depois, seguirem viagem. Por ela passava a estrada boiadeira ou estrada das boiadas que fazia ligação entre o sertão e o litoral (MACHADO, 1966).

A imensa movimentação originou um pequeno armazém, que depois se transformou em uma feirinha. Casebres foram construídos em volta da capela, por gente de todo lugar: negros escravos, e depois, os alforriados; os fugidos das lavouras de cana; portugueses da região de Cachoeira e de São Félix, e colonos para se dedicarem à lavoura; estrangeiros de várias partes do mundo como alemães, italianos, franceses, árabes, judeus e japoneses, além dos fazendeiros, responsáveis pelo comércio de gado e pelos cuidadores/tratadores das boiadas que foram os primeiros, assim podemos dizer que se instalaram por lá. Por fim, chegaram diversas pessoas que fugiam da seca, bem como os naturais e habitantes do Sul, aumentando o quantitativo de gente e de serviços na cidade, ocupando-se nas oficinas mecânicas, no comércio, na lida com o gado e no trabalho das fazendas, na agricultura e no artesanato (MACHADO, 1966).

Em 1832, através de um decreto imperial, Feira de Santana foi elevada à categoria de vila, porém, tendo sido inaugurada oficialmente em 1833. Nesse mesmo ano, aprovou-se uma regulamentação, que só se oficializaria em 1838, na qual se determinava que o gado não poderia mais ser negociado dentro da vila e, sim, no campo de gado, “ou campo da gameleira, a uma milha ao norte da capela de Santana” (POPPINO, 1968, p. 57).

Segundo Oliveira A. (2008), o campo da Gameleira ficava onde hoje se localiza a Praça do Nordeste.

Já em 1781, antes mesmo de ter se tornado uma Vila, “o então arcebispo da Bahia autorizou a celebração da Festa de Santana, que era organizada por uma irmandade ou por comissão previamente escolhida para organizar os festejos, geralmente pessoas da elite feirense, em especial os comerciantes” (LÉLIS, 2015, p. 2).

Feira se tornou cidade em 16 de junho de 1873, intitulada de ‘Cidade Comercial de Feira de Santana’ e, depois, apelidada por Rui Barbosa de “Princesa do Sertão”, pois este percebeu “o reino de influência que Feira governa depois da capital, Salvador, que então é a rainha. Feira, desse modo, é o ponto de encontro entre o litoral e o sertão” (MACHADO, 1966, p. 14). Em 1931, pelo Decreto 7.470, de 8 de julho, foi denominada Feira. Já em 30 de novembro de 1938, através do Decreto 11.089 foi designada como Feira de Santana, nome este, que permanece até a atualidade (OLIVEIRA, A., 2008, p. 51).

No final do século XIX, Feira de Santana foi marcada pelo avanço do comércio de gado no espaço destinado à feira livre. Por muitas vezes, a perseguição às reses que fugiam da gadaria comercializada no Campo do Gado em direção a Feira era motivo de muita algazarra e confusão (OLIVEIRA, A., 2008; LAJEDINHO, 2004).

Na década de 1920, o Campo do Gado foi transferido para onde se encontra, hoje em dia, o Fórum Desembargador Filinto Bastos, onde se construiu pela primeira vez as cercas de madeira, na tentativa de trazer mais segurança aos que transitavam na área de comércio. Só que a feira crescia cada vez mais, demonstrando a insuficiência das cercas para conter o gado que comumente escapava, misturando-se aos espaços residenciais e comerciais (BASTOS, 2012).

Por conta disso, mudou-se novamente o endereço do Campo do Gado para a área que agora é ocupada pelo Museu Regional e o Colégio Municipal Joselito Amorim (OLIVEIRA A., 2008; BASTOS, 2012), depois para a Queimadinha (LAJEDINHO, 2004), Avenida João Durval Carneiro e por fim, Campo do Gado Novo (BASTOS, 2012).

Esse afastamento do Campo do Gado do convívio urbano da cidade tem ligação com um desejo de modernidade que despontava no início do século XX, na cidade de Feira de Santana. Com isso, tudo que remetia a dimensão do rural, soava como atrasado, incômodo, principalmente quando Feira aderiu “a ideais higiênicos e disciplinares que a modernidade pregava e que foram, pouco a pouco, introduzidos através das modificações executadas pelo governo municipal”, Portanto, a urbe passava a atender “um padrão urbanístico ditado pela ordem republicana e pela diversidade dos interesses comerciais” (OLIVEIRA, A., 2008, p. 43).

Desse modo, a feira livre passou a ser o território que dimensiona com amplitude esses interesses comerciais. Segundo Machado (1966, p. 13),

O nome FEIRA DE SANTANA traz logo a idéia de sua feira e da Festa de Santana, seus maiores acontecimentos sociais. De Feira, primeiramente, falaremos de sua feira-livre, realizada às segundas-feiras, porque é o aspecto que mais caracteriza, daí sua denominação. É a maior feira-livre do Brasil em extensão, ocupando uma área de quase 5 quilômetros quadrados [...]. Tudo se encontra nela. Desde a venda de um simples copo d'água (MENINO VENDENDO ÁGUA) até às últimas novidades chegadas do sul do país e do exterior como as coisas mais incríveis a exemplo da venda dos livros de São Cipriano [...]. A feira não só ocupa o dia de segunda-feira. Não. Ela começa desde a sexta, quando principiam a chegar as mercadorias. Sábado já há uma notável feira e no domingo acabam de chegar quase tudo.

A feira livre se tornara algo tão importante para a cidade, ao ponto de suplantar dias festivos religiosos e feriados civis, caso estes, coincidissem com os dias de feira. Até a Festa de Sant'Ana nessas ocasiões era adiada. Ou seja, a feira livre acontecia independente de ser dia de feriado ou dia santo. Apesar de o povo feirense ter nos preceitos do catolicismo uma importante referência para muitos dos aspectos da vida cotidiana, no que tange a atividades rotineiras como o comércio, superava em preferência,

apesar da grande devoção que tinham a Nossa Senhora Santana (OLIVEIRA R., 2014; OLIVEIRA A. 2008; POPPINO, 1968).

Isso nos mostra, de certo modo, que diversas são as apropriações que os sujeitos fazem da cultura, que podem reafirmar um caráter de obrigatoriedade ou não na vida cotidiana. Nesse caso, a obrigatoriedade do trabalho pode sucumbir às obrigações de ordem religiosa e, estas, por sua vez, podem caracterizar-se como festa e/ou lazer. Mas disso falaremos mais a frente.

Diante da importância do comércio por meio da feira livre em território feirense, segundo Oliveira, A. (2008, p. 52),

Feira de Santana exercia um papel de centro receptor e distribuidor do progresso emanado de Salvador, sede da província e depois Capital da Bahia. Assumia uma posição de destaque diante das outras localidades por ser palco no qual se divulgavam as benesses do viver na grande cidade, sendo o comércio sua principal vitrine.

E até hoje Feira de Santana tem o comércio como umas das principais atividades econômicas da cidade, deveras movimentado, se comparado a outras cidades do estado. Contudo, não mais na forma da grande feira de cinco quilômetros quadrados como menciona Machado (1966), mas consolidando de modo efervescente o circuito de pessoas, mercadorias e informações, principalmente, por meio do seu entroncamento rodoviário que é considerado o maior do Norte e Nordeste do país.

A Festa de Sant'Ana: O Espaço da Rua como Lugar Festivo nas Comemorações da Padroeira de Feira de Santana

Já não é novidade dizer que o estado da Bahia tem uma dimensão diferencial do festejar, baseado em toda economia da festa que mobiliza os bens materiais e simbólicos, o uso dos prazeres e a ritualização das festas populares que atravessa desde junho com as festas juninas, até o carnaval, em uma relação que coloca irreverência e fé no mesmo

patamar de importância. Segundo Gama (2017), os rituais festivos alinhados com a religião têm suas origens com a colonização do Brasil pelos portugueses, os quais tinham no catolicismo romano a centralidade em seus rituais religiosos e da vida cotidiana.

No Brasil, cultuar os santos se tornou uma prática expressiva, que teve seu principal difusor, ainda nos tempos da colônia, a Companhia de Jesus. A devoção a Nossa Senhora Sant'Ana prosperou a partir do processo de catequese instituído pelos Jesuítas, tendo na pessoa do padre jesuíta Gabriel Malagrida, principal referência, inclusive, em terras feirenses (BATISTA 1997 *apud* GAMA, 2017). Assim sendo, nota-se, segundo Gama (2017, p. 24-25), que os ritos de culto e adoração a Nossa Senhora Sant'Ana tiveram fácil inserção em Feira de Santana, transfazendo-se em tradição e elemento partícipe da cultura da cidade, já que

As celebrações à Santa mobilizavam toda comunidade local e da região, gerando múltiplas relações de sociabilidade e expressões de fé. Muito se fazia para tornar as homenagens bem pomposas e inesquecíveis nas memórias dos feirenses (OLIVEIRA R., 2014, p. 12).

Para tanto, a festa em homenagem à Sant'Ana era composta de vários momentos, que mais pareciam várias festas orquestradas, mas que se consolidavam numa única grande festa. Dar-se a entender que em um determinado momento da história feirense, para o clero, havia os movimentos considerados enquanto sagrados, como as novenas e trezenas, as missas e a procissão, enquanto outros passaram a ser tratados como eventos de cunho profano: o Pregão, o Bando Anunciador, a Lavagem do Templo, a Levagem da Lenha, quermesse e apresentações das filarmônicas e retretas que se apresentavam antes das missas e novenas (OLIVEIRA R., 2014, p. 13).

Assim sendo, os acontecimentos começavam pelo pregão “que lembrava as atuais alvoradas”. Depois, dava-se início ao “novenário e as apresentações de coreto que aconteciam todas as noites”. Ou seja, era o primeiro ato das festividades a Sant'Ana,

sendo considerado “um forte elemento das celebrações até a década de cinquenta [...]” (OLIVEIRA R., 2014, p. 21).

O dia seguinte ao pregão era marcado pela presença do Bando Anunciador, que até a década de 1950, acontecia à tarde. Já na década de 1960, passou a ser realizado pela manhã. Na quinta-feira tínhamos a Lavagem da igreja, que pela manhã se constituía o momento de, literalmente, se lavar o templo, enquanto a tarde, aconteciam os desfiles com apresentação de grupos culturais. Daí por diante, tínhamos a Missa Festiva celebrada por pregadores convidados; a Levagem da lenha na terça-feira; e encerrando as comemorações a Santa padroeira de Feira de Santana, uma grande procissão com milhares de pessoas – elite, romeiros, visitantes e a população em geral – e muita diversão com a retreta e tocatas, no coreto, ao final da procissão (OLIVEIRA R., 2014, p. 21-22).

Diante desse cenário, os elementos da festividade que se destacavam enquanto um “panorama móvel” do festejo, ou seja, as manifestações culturais que aconteciam no largo, em geral, acabavam por se apresentar enquanto o que deveria ser negado e repellido pela Igreja, percebendo-se, portanto, um “choque de representações entre o que se expressava nas festas de largo e como a Igreja Católica desejava ser representada” (OLIVEIRA R., 2014, p. 15). Talvez, por isso, aproximar essas manifestações à ideia de profano, reforçando o imaginário da colonialidade do poder que determina como lugar inferior, onde incide uma espécie de anti-liturgia ou heresia, dado ao fato desse lugar ser forjado pela espontaneidade dos sujeitos, pela extravagância do ato festivo, que acaba por caracterizar uma devoção sem contenções; sem o ato disciplinador, controlador. Isso provavelmente aconteceu, porque as

[...] homenagens a Sant'Ana eram apropriadas pelos sujeitos, para revelar seus sentimentos e representar, mesmo por um curto tempo, a sua fé na padroeira da cidade. **Participar da Festa podia ter um sentido muito mais amplo de compartilhamento, cumplicidade, curtição** e até mesmo de homenagem, sendo possível também unir todos esses sentidos. **As festas de Largo da Padroeira foram representadas e praticadas de diversas formas por seus participantes, que lhe deram significados e sentidos próprios, permitindo**

vivências e expressões culturais apresentadas através das performances culturais dos sujeitos envolvidos (OLIVEIRA R., 2014, p. 15). Grifo nosso.

Essa dicotomia estabelecida entre o sagrado e profano tem uma relação com as dimensões dadas ao território pelas civilizações, que refletem os constructos históricos e sociais dos dispositivos de poder, para estabelecer hierarquias entre esses lugares. Ao mesmo tempo em que o território se caracteriza em múltiplo e diverso, sela-se em fronteiras das quais diferencia as relações de continuidade, a partir do que simbolizam e caracterizam determinado conjunto de singularidades. Para melhor exemplificar isso, recorremos a Serra (2009, p. 71-72) que diz:

Começo lembrando colocações bem conhecidas de um grande estudioso do assunto. Segundo mostrou Mircea Eliade (1973, p. 28), na ótica religiosa, o espaço não é homogêneo. Ele ilustra essa afirmativa com um exemplo simples: convidando a pensar numa igreja em uma cidade moderna. Para um crente, a igreja faz parte de um espaço diverso do que a envolve, na rua onde ela se encontra. A porta que abre para a nave do templo assinala uma solução de continuidade. O umbral corresponde, aí, a uma espécie de fronteira que distingue e opõe dois mundos, é o lugar paradoxal onde eles se comunicam e onde pode efetuar-se a passagem de um ao outro: do profano ao sagrado, e vice-versa.

Dito de outro modo, acredita-se na existência, segundo Serra (2009), de uma relação paradoxal entre essas duas dimensões – uma do sagrado e outra do profano –, que se misturam em um dado espaço-tempo, como por exemplo, na festa de Sant'Ana, mas que são selados, em alguma medida, por fronteiras, que se encontram determinadas por um imaginário que consolida territórios concretos, imbuídos de práticas, dispositivos e comportamentos que os distinguem, deflagrando o sagrado enquanto o que acontece no templo e o profano em torno dele – conhecido aí como Largo, local das manifestações populares.

No sentido de romper com a visão que fragmenta a relação entre sagrado e profano, HomiBhaBha nos ajuda a pensar em uma reelaboração dos lugares que se afastem de uma leitura apriorística, inscrita de forma binária e sustentada em um pensamento colonialista, onde a ideia de tradição se estabelece como algo fixo e imutável.

As fronteiras estabelecidas potencializam os entre-lugares, que acabam por intensificar “os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosas; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade” (BHABHA, 1998, p. 21).

Compreendemos os momentos de diversão na rua com o Bando Anunciador, como lugar de ambivalência, no qual os corpos reinscrevem histórias através de suas fantasias, danças e brincadeiras, bem como podem comemorar e render graças a Santa Padroeira de Feira de Santana. Entendemos ainda que as comemorações em louvor a Sant'Ana se estruturam com a força do lugar onde reside a vida que situa a história do corpo, destituindo assim, o imaginário que coloca sagrado e profano em dois territórios distintos.

Desse modo, no ato de festejar, o corpo emana toda uma expressividade e um saber-fazer que é capaz de (re) territorializar e (re) significar o lugar dos moldes cotidianos – o espaço da rua, por exemplo – em campo tecidual de uma trama social e cultural diferente, que, inclusive pode se interligar com a devoção, mas que com certeza, tenta garantir momentos de alegria e diversão, imbuídos de cores, de cheiros, de sabores e de plenitude em ser e estar no mundo.

O bando é uma experiência dos corpos em festa, no qual podem ser considerados “como expressão da vida que escorre destes momentos de celebração. Assim, a festa é construto histórico, o corpo é luz e sombra, memória material, narrativa” que desorganiza “[...] a concepção de festa exibida [e] não partilhada [...]” (SOARES, 2014, p. 12), ofertando, enquanto

[...] cenário importante e atraente da cultura [...] um momento extremamente favorável ao acolhimento, principalmente porque nada na sociedade atual favorece tais encontros, devido à fragmentação e ao estilo de vida do espaço urbano que comprometem o convívio e empobrecem as relações. A dádiva, que permeia a hospitalidade, cuja função primordial é criar laços e estabelecer relações, seria o antídoto para a acentuada tendência da modernidade de suprimir os vínculos primários (BUENO, 2006, p. 95).

Além disso, a festa acaba por nos apresentar:

[...] uma narrativa densa, alegre e criadora em que somos levados a compreender os múltiplos sentidos da religiosidade alegre, da tradição evocada e reinventada, do encantamento da partilha de saberes, e sentimentos que só a festa como expressão profunda da humanidade pode revelar (SOARES, 2014, p. 12-13).

Em suma, o corpo festivo permite que os sujeitos se (re) apropriem do espaço da rua, tirando de cena os moldes cotidianos provindo da urbanização - comércio, negócios e correria - dimensionando assim, novos sentidos e significados as comemorações da padroeira da cidade. A dinâmica do sagrado e do profano como territórios distintos se desfaz, dando lugar as intensidades do corpo que podem repercutir, ou não, a devoção à Santa Advogada Celestial de Feira de Santana.

O Bando Anunciador de Sant'Ana: A Cultura Enquanto Prática de Lazer dos Feirenses

O Bando Anunciador pode ser visto como parte do festejo popular de consagração a Nossa Senhora de Sant'Ana, Padroeira da cidade de Feira de Santana. A proposta do bando, na sua origem, era anunciar o festejo da padroeira da cidade. Para isso reunia figuras populares e comunidade (LÉLIS, 2015; DÓREA, 2008). Segundo Renan Oliveira (2014, p. 27), o momento que se constituía de anunciar a festa de Sant'Ana, assim se caracterizava em termos de século XIX:

Esprocando rojões e fogos de artifícios, num grande clamor, jovens mascarados montados em seus cavalos e levados também pelo toque dos sinos da Igreja Matriz, tomavam as ruas da urbe feirense para anunciar o grande séquito a acontecer nos próximos dias na cidade. Os cavaleiros muito bem vestidos acompanhados de grande cortejo distribuía pelas ruas da cidade os folhetos informativos da programação das Festas em homenagens a Sant'Ana.

O período relativo à sua saída as ruas, dependia muito de quando a Festa em homenagem a Nossa Senhora Sant'Ana estava programada, já que entre meados dos séculos XIX e XX, as datas eram variadas. Inicialmente, as comemorações aconteciam em 26 de julho, fazendo com que o Bando Anunciasse a festa no final do mês anterior.

Porém, o festejo já ocorreu nos meses de setembro, janeiro e fevereiro, fazendo com o Bando também migrasse para tais períodos. Nas décadas de 1930 a 1980, obedecendo ao trâmite da festa, o Bando teve sua saída concretizada, na grande maioria das vezes, no mês de janeiro (OLIVEIRA R., 2014, p. 28).

Entre o início e meados século XX, segundo os jornais da época, era comum o Bando sair às ruas de Feira parecendo uma festa carnavalesca, chegando seus integrantes a desfilarem em carros e/ou caminhões, utilizando-se de muito confete e lança-perfume. Muitas pessoas iam fantasiadas e dentre os trajes que se destacavam, por exemplo, entre os rapazes, eram os de marinheiros; enquanto as moças era o uso de saias coloridas, fitas na cabeça e mamães sacode nas mãos; tudo embalado por marchinhas de carnaval e muito samba (OLIVEIRA, R., 2014, p. 29-31). Ainda tinham os mascarados “que se divertiam, fazendo seus jogos de ludicidade, a instigar a curiosidade dos expectadores surpreendidos com as brincadeiras e o segredo de quem se escondiam por de traz das máscaras”. Além disso, este personagem aproveitava a cena e “o momento para [mudar] a entonação da voz e fazer suas investidas, fazendo declarações de paquera e também de forma burlesca entreter-se ao assustar quem os assistiam” (OLIVEIRA, R. 2014, p. 29). Segundo Lélis (2015, p. 3),

Em 1930, já com 70 anos de rua, ele já se dividia em vários bandos dentro do Bando Anunciador e ocorria (como hoje) uma semana antes da procissão de Santana. O cortejo era o momento mais disputado da Festa. As “mulheres de família” já participavam. E com gosto: em automóveis ornamentados com temas específicos, lá estavam elas, fantasiadas e dançando ao ritmo de samba e orquestra, distribuindo poesias e folhetos com a programação da Festa de Santana. Mesmo com a sociedade fortemente patriarcal, as mulheres conseguiram minimizar a barreira de gênero e dividir com os homens esse momento dos festejos. As pessoas menos abastadas só poderiam participar do Bando se estivessem adequadas ao padrão do desfile: com luxo e pompa. “É o poder, é o poder, é o poder da ostentação”. [...] a hierarquia social seguia com força.

Diversos carros e caminhões enfeitados saiam junto ao bando, para também levarem “a orquestra que tocavam sambas, canções e marchas de carnavais, que alegravam a todos os partícipes e expectadores” (OLIVEIRA, R., 2014, p. 30).

Figura 1: Bando Anunciador em Meados do Século XX.



Fonte: Foto de Juraci Dórea *apud* Lélis (2015)

Entre os anos de 1950 e 1970, segundo Lélis (2015, p. 5), muitas mudanças aconteceram no Bando, principalmente no conteúdo das músicas, que passaram a ter letras com teor pornográfico e escancarando temas polêmicos, inclusive, envolvendo figuras ilustres da cidade. Além disso, nesse período, o Bando passou a viver de doações da população e de fiéis, que eram distribuídas para a Igreja e para manter o desfile. Em 1979

[...] o Bando, que já enfrentava problemas financeiros devido à baixa arrecadação junto aos fiéis, passou a ser inteiramente financiado pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana, através da Secretaria de Turismo, Recreação e Cultura – SETUR (LÉLIS, 2015, p. 5).

O Bando, que era considerado profano, por iniciativa da Igreja, acabou por ser extinto (DÓREA, 2008). Segundo Lélis (2015) foi em 1980 que começaram os descontentamentos da Igreja com esta manifestação, bem como com todas as outras celebrações de Largo, como: a Lavagem da Igreja e a Levagem da Lenha. Alegava-se que

essas comemorações, no molde que chegaram, com a presença de trios elétricos e o som alto das barracas circunvizinhas a Igreja, descaracterizava a festa em adoração à Sant'Ana e: “Assim, em 1987, apesar dos protestos da população, a Igreja Católica, por meio do bispo Dom Silvério Albuquerque, vetou as festas de largo em homenagem à Nossa Senhora Sant'Anna e lá se foi o Bando Anunciador” (LÉLIS, 2015, p. 6-7).

A partir do ano de 2007, a comunidade acadêmica da Universidade Estadual de Feira de Santana, cumprindo o seu papel social com a população feirense, teve a iniciativa de elaborar um projeto, cujo, o objetivo foi revitalizar essa manifestação. Com isso, o Bando voltou às ruas de Feira de Santana, repleta de alegria e de cores para anunciar a festa de sua Padroeira (DÓREA, 2008). A saída do Bando acontece na semana anterior a Festa de Santana, que por sua vez, tem acontecido sempre no dia 26 de julho. (LÉLIS, 2015).

Na atualidade, participam do festejo mascarados e travestidos, além dos bandos dos bairros Chácara São Cosme, Olhos D'Água, Coronel José Pinto e Rua da Aurora (LEAL, 2013). Muitos vão fantasiados, do jeito que querem, esbanjando alegria e irreverência pelas ruas de Feira de Santana. Qualquer pessoa pode participar do Bando, mesmo sem fantasia. Há quem goste de se fantasiar de “si mesmo”. No Bando, tudo é permitido, pois aí, se desencadeia, a partir da coletividade festiva, segundo Renan Oliveira (2014, p. 41), o tempo do permitido e do possível, que traz consigo “elementos que [garantem] a muitos partícipes percebê-la [...] como um evento festivo, [...] para apenas viver e experimentar sua expressão comemorativa ou contemplativa”.

Figura 2: Bando Anunciador de 2010.



Fonte: Acervo pessoal dos autores

O percurso do Bando é organizado com antecedência e sofreu algumas alterações entre os anos de 2015 e 2019. Como exemplo, podemos citar o percurso de 2015, que segundo Lélis (2015, p. 7) iniciou-se às sete horas da manhã, na frente do Centro Universitário de Cultura e Arte da Universidade Estadual de Feira de Santana (CUCA-UEFS), seguiu para a Praça da Bandeira, depois Marechal Deodoro, Beco do Mocó, Praça da Matriz e finalmente retornou ao CUCA. Já em 2019, o desfile ao invés de passar pela Praça da Bandeira e o Beco do Mocó, seguiu pela Rua Capitão França, Avenida Senhor dos Passos, Avenida Getúlio Vargas, Rua Marechal Deodoro, Rua de Santana e por fim chegou à Igreja Matriz da Paróquia da Catedral de Santana. Conforme o que Macêdo (2018) nos traz, bem como a figura 3, nos anos de 2017 a 2019 o desfile seguiu o mesmo trajeto. Houve apenas uma pequena alteração: 2017 e 2019 a concentração foi no CUCA

e 2018 foi na Igreja Matriz. Nada que fizesse uma grande diferença, visto que a Igreja Matriz e o CUCA são locais próximos (FIGURA 3).

Figura 3: Mapa do Circuito do Bando Anunciador – 2019.



Fonte: Próximo... (2019)

Assim sendo, o desfile atravessa o centro da cidade, onde diversos corpos fantasiados abrem tessituras de gestos, cores, afetos e cheiros e enunciam narrativas brincantes no Bando, sempre diante do ritmo das marchinhas de carnaval e/ou do samba de roda da região, tocadas pelas bandinhas que seguem o cortejo.

Corpos fantasiados transitam pelas ruas de Feira de Santana e expressam seus desejos e histórias, muitas vezes desconhecidas pelo público e, às vezes, estranhas. No entanto, existem também as fisionomias dos corpos fantasiados, que marcam uma identidade histórica na festa, pois sempre estes personagens estiveram presentes: Maria Quitéria, figura importante da independência da Bahia, mas que com sua arma de jato de água contagia a festa com sua irreverência. Lá também se encontram Lampião e Maria Bonita ensaiando uma dança em meio a multidão, bem como a divertida dança do Dragão Chinês, confeccionado de material alternativo. O rodopiar das saias das fantasias de baiana inebriam nossos sentidos, assim como os sócias dos bonecos gigantes de Olinda

impressionam os olhares atentos dos curiosos. Além destes, as graciosas bonecas de pano também possuem seus encantos.

Continuando o caminho, vemos o bailado intrépido do Bumba-meu-Boi e a graça de um Saci Pererê com as duas pernas, diferente das histórias. Assim, o Bando segue com vaqueiros, odaliscas, presidiários e super-heróis, interpretados por crianças, jovens, adultos e idosos que encenam suas performances, tentando aparentemente levar a vida na flauta, na expectativa de dias melhores. E se continua a festejar, seja de cadeira de rodas, seja dentro de um carro antigo – tipo daqueles de colecionador – seja com o isopor vendendo água mineral e cerveja ou apenas como um espectador silencioso e reflexivo que acompanha a caminhada.

A presença desses personagens históricos (Maria Quitéria, Lampião e Maria Bonita), bem como as emblemáticas figuras mitológicas (Saci Pererê, Bumba-meu-Boi, super-heróis) do acervo cultural brasileiro, proporcionam aos participantes uma intensa construção e re-atualização da memória, cujos quadros históricos de uma memória coletiva “não se resumem a datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo (HALBWACHS, 2004, p. 71).

Fantasiar-se e brincar no bando com esses personagens, na verdade, potencializa experiências de efetuação da memória intensiva do tempo, onde a coexistência de um presente-passado, produtores de novas narrativas evoca afetos que permitem os deslocamentos entre os tempos de cada memória. Se a memória pode ser “[...] conservação e acumulação do passado no presente” (DELEUZE, 2012, p. 43), ou seja, uma evocação de permanência do passado no presente pela coexistência, por outro, é no aqui e agora, “[...] do presente que é preciso dizer, a cada instante, que ele ‘era’ e, do

passado, é preciso dizer que ele ‘é’, que ele é eternamente, o tempo todo. – É essa a diferença de natureza entre o passado e o presente” (DELEUZE, 2012, p. 46).

Além disso, ocorre uma interatividade entre os corpos fantasiados e o público em geral, que se dá por troca de olhares, risos, falas, gestos, entre outros, cujas narrativas são textualizadas pelos episódios criados a cada instante. Assim, os eventos festivos são fluxos de acontecimentos únicos que têm suas tramas, seus efeitos, seus segredos e suas aberturas (CASTRO JÚNIOR, 2014).

Nesse lugar, permitem-se também torcedores de todas as camisas, de todas as paixões, inclusive do time do coração de muitos da cidade – do Fluminense de Feira – todos no embalo dos refrãos cantados pela multidão, misturados com apitos e gritos de saudação ao Bando Anunciador de Santana. Até os animais foram partícipes por algum tempo dessa alegria, seja encenando uma performance com seu tutor, mostrando o quanto são sincronizados e cúmplices um do outro nessa grande arte do entreter, seja levando a carroça enfeitada de balões. Isso tudo nos leva a crer que nesse lugar acredita-se no ditado que diz: “aqui é igual a coração de mãe, sempre cabe mais um” (FIGURA 4).

Figura 4: Carroça que Mostra a Presença Animal na Festa.



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Como parte desses corpos festivos, temos outro grupo que nos chama atenção: o Bando de Lucas, cuja fantasia é caracterizada por todos os integrantes do Bando estarem com os corpos e roupas pintados de carvão. E obviamente, que por onde ele passa, abraça

a todos os integrantes da festa, os pintando também de carvão, em um tom de graça e brincadeira.

Figura 5: Integrante do Bando de Lucas.



Fonte: Foto de Wilker Calmon *apud* Lélis (2015)

Então, brincar de abraçar as pessoas na festa é sempre como uma surpresa, principalmente quando este corpo é pintado de carvão. Outra característica importante é que esses corpos andam em bando, ou seja, um pequeno bando dentro do Bando Anunciador – enunciado subjacente no segundo plano da imagem fotográfica (FIGURA 5).

Para além disso, o grupo acaba por representar um famoso bando que ficou muito conhecido no século XIX, o Bando de Lucas Evangelista dos Santos – o Lucas da Feira. Segundo Neves e Novaes (2019, p. 1), Lucas da Feira

[...] [nasceu] escravo na fazenda Saco de Limão, próximo ao distrito de São José. Com 21 anos, ele se rebela contra o sistema da época e foge. Tornou-se bandoleiro, liderou um bando com cerca de oito pessoas e aí a história ganha várias versões dependendo de quem conte. Há quem afirme que Lucas da Feira foi uma espécie de Hobin Wood, que indignado com sua realidade, tirava dos fazendeiros ricos para dar aos pobres, que lutava pela causa da abolição ajudando outros escravos. Outros afirmam que nosso personagem não fazia distinção de classes e roubava de quem achava que deveria roubar. No livro Lucas da Feira de Inocêncio Marques são apresentadas as fases dos inquéritos policial e judicial, onde Lucas é acusado de crimes como roubo, latrocínio e tortura.

Se para muitos o Bando de Lucas era símbolo de bravura e resistência em tempos de escravidão, para outros, principalmente os fazendeiros, se constituía em um verdadeiro

problema para a elite da época, que fora “resolvido” com o enforcamento de Lucas, em praça pública em 25 de setembro de 1849 (NEVES; NOVAES, 2019).

Assim sendo, brincar de Lucas da Feira de certo modo é uma forma de revitalizar a memória de um personagem lendário de nossa história, reivindicando assim, no tempo-espaço passado-presente, o direito a existência. Afinal de contas, na época de Lucas “A escravidão imperava. Um negro escravo que ousasse a se levantar contra aquele sistema estaria, de certo decretando sua sentença de morte e a pena de Lucas foi pautada pela moral de um judiciário elitista.” (NEVES; NOVAES, 2019, p.). De certo modo, este pensamento se presentifica em nossos dias, só que sob outro *modus operandi* – diferentemente dos anos de escravidão, mas tão quanto opressor e dilacerador de vidas.

Por esse motivo, devemos rememorar essa luta, a partir da presença desses enunciados em várias frentes, estabelecendo assim, confrontos e embates diretos ou indiretos contra o preconceito e o racismo que ainda perduram. Podemos então, inferir que a festa, se constitui em uma dessas frentes, conectando presente-passado enquanto lócus de resistência e (re) existência, que substanciam e interpelam a vida dos descendentes de africanos no Brasil, frente ao racismo, à intolerância, à exclusão e à negação do direito de viver.

Figura 6: Bando Anunciador em 2013.



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Outra questão que observamos é que, embora o Bando tenha a potência de caminhada, em determinado momento quebra-se este sentido e a roda passa ser o lugar, como pode ser visto na primeira foto acima. Um corpo fantasiado, avantajado no quadril – lócus de requebrar – passa a ser o centro da trama discursiva. Já na terceira foto, da multidão, cuja multiplicidade de cores, expressões, formas, gestos e movimentos, criam e recriam um vasto espaço de múltiplas polirritmias, polifonias e performances. Assim, os corpos se misturam e interpenetram-se a formar a paisagem da festa (CASTRO JÚNIOR, 2014).

Os corpos na diversão do bando revelam sua condição discursiva e inventiva capazes de criar histórias, tramas e enredos, desamarram as formas de controles instituídos pela sociedade de controle, eles mudam o espaço, redesenhando o lugar da cidade de Feira de Santana e acabam criando novos caminhos de interatividade e sociabilidade ao desfilar aglomerados.

Assim sendo, os espaços da festa de largo, neste caso o do Bando Anunciador de Sant'Ana, podem se constituir em lócus de lazer, de acordo com apropriação singular que cada sujeito faz desta prática cultural, gerando enquanto efeitos desse lazer...

[...] expressões criadas [...] que estão contidas na improvisação, na arte de tocar, dançar e jogar, criadores de práticas inovadoras, interlocutores entre passado-presente-futuro, potencializador de memórias coletivas e individuais. Enfim, uma plenitude das paixões humanas. [...] a festa é também um lugar de memória que serve para dar continuidade aos ritos criados no passado, sendo reatualizado a cada momento: é lugar de troca e cooperação de pessoas simples que afirmam suas identidades singular e coletiva; é um lugar de resistência cultural que os produtores culturais encontram para colocar as novas formas de entender a dinâmica cultural (CASTRO JUNIOR, 2014, p. 20).

Portanto, permite-se cantar e dançar, ingerir bebidas alcoólicas, se fantasiar, namorar, paquerar, rever e brincar com os amigos, encenar performances, questionar o poder público de modo irreverente e sarcástico. Assim como dimensiona Marcellino (2008), se experiência essas possibilidades, no tempo que os sujeitos estabelecem como

disponível, de modo desinteressado, obtendo como única recompensa a satisfação por estarem ali.

Considerações Finais

Concluimos que o Bando Anunciador de Sant'Ana, como elemento que se originou como partícipe dos festejos de comemoração, honra e louvor a Santa Padroeira da Cidade de Feira de Santana, Nossa Senhora Sant'Ana, se constitui na atualidade, enquanto possibilidade aberta de lazer para ao povo feirense.

Podemos dizer que isso acontece, visto que cada vez mais, as pessoas possivelmente participam da festividade tanto pelo seu caráter descontraído e divertido, quanto pela relação de devoção à Sant'Ana, como era no início de sua realização. Este lócus se torna o lugar do permitido e do possível e como tal, se concebe vivenciá-la e experienciá-la, a partir das apropriações feitas pelos sujeitos, partícipes desta manifestação cultural.

É de suma importância além de compreender, experimentar os acontecimentos no Bando Anunciador como situações intensas de prazer, de vitalidade, diversão e satisfação, que fazem das festas populares territórios de intensidade, valorização e recriação da cultura. Risério (2004, p. 172) ao tratar da natureza festiva da vida baiana:

[...] nunca se deixou conter dentro dos limites das festas oficiais, patrocinadas pelo poder laico ou religioso. Na verdade, as festas oficiais é que primaram sempre por uma espécie de transbordamento, com a massa da população prolongando a celebração em que ela podia se entregar, sem maiores inibições aos jogos do prazer. Prazer de falar, de cantar, de dançar, de se embriagar, se abraçar, se tocar.

Assim sendo, rir, brincar, se fantasiar, beber, paquerar, sambar, pular, entram no rol de práticas permissivas no tempo disponível e de modo desinteressado pela população feirense. O que importa é o simples prazer de está lá, encenando suas performances e “curtindo” esse momento entre amigos e familiares, a constituindo também enquanto

manifestação cultural da cidade e, portanto, possível elemento identitário e de pertença do povo de Feira de Santana.

REFERÊNCIAS

BASTOS, H. C. B. **Os caminhos do Campo do gado na Feira de Santana**: um estudo de desenho urbano. 2012. 52 f. Monografia (Especialização em Desenho) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

BATISTA, S. M. **Conflitos e comunhão na festa da padroeira em Feira de Santana (1930-1950)**. 1997. 76f. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História) - Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 1997.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1998.

BUENO, M. S. Festa: o dom do espaço. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 91-103, 2. sem. 2006. Disponível em: <https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/195/210>. Acesso em: 19 ago. 2020.

CASTRO JÚNIOR. L. V. Contextualizado e rastreando o tangível na pesquisa Festa e Corpo. In: CASTRO JÚNIOR. L. V. (org.). **Festa e corpo**: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 15-33.

CHARTIER, R. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144> . Acesso em: 12 nov. 2018.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DÓREA, J. Feira de Santana: no calor da hora. **Légua & Meia**, v. 4, n. 1, p. 104-119, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/2013/1475> . Acesso em: 20 nov. 2018.

GAMA, R. da S. **“E quando o corpo é fé? Ele Dança!”** Danças e manifestações corporais na festa da padroeira em Feira de Santana, Bahia (1900-2016). 2017. 58f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LAJEDINHO, A. do. **A Feira na década de 30**. Feira de Santana: [s.n.], 2004.

LEAL, M. Bando Anunciador da Festa de Santana. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 05 jul. 2013. Seção Momento de Vida, p. 04.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LÉLIS, E. Bando Anunciador: uma folia iniciada há 155 anos. **Feirenses**: Feira de Santana aprofundada. Feira de Santana, 14 jul. 2015. Aprendizados, Cultura, Eventos, História, p. 1-12. Disponível em: <https://feirenses.com/bando-anunciador-feira-de-santana/>. Acesso em: 07 dez. 2018.

MACÊDO, J. C. **Que dança é essa no Bando Anunciador?** 2018. 33f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

MACHADO, F. de C. **Álbum de Feira de Santana**. São Paulo: Edição da Livraria Cacimbinha, 1966.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 2008.

NEVES, L.; NOVAES, A. Lucas da Feira: Um panorama acerca do herói-bandido. **Jornal Reverso Online**. Cachoeira, 20 jul. 2019. Dossiê reverso: cultura, p. 1-2. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/reverso/lucas-da-feira-um-panorama-acerca-do-heroi-bandido/> Acesso em: 13 set. 2020.

OLIVEIRA, A. M. C. dos S. **Feira de Santana em tempo de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. 2008. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2008.

OLIVEIRA, R. P. de. **Sant'Ana dos Olhos D'Água: fé e celebração entre a igreja e o largo (1930-1987)**. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

POPPINO, R. E. **Feira de Santana**. Salvador: Ed. Itapuã, 1968.

PRÓXIMO domingo tem o Bando Anunciador 2019. **Feirenses**: Feira de Santana aprofundada. Feira de Santana, 1 jul. 2019. Eventos, p. 1-5. Disponível em: <https://feirenses.com/bando-anunciador-2019/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

RISÉRIO, A. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTOS, M. Lazer Popular e geração de empregos. *In: Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

SILVA, A. J. M. **Natureza sã, civilidade e comércio de Feira de Santana: elementos para o estudo da construção da identidade social no interior da Bahia (1833-1927)**. 2000. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

SERRA, O. J. **Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2009.

SOARES, C. L. Prefácio: Quando o corpo é festa. *In*: CASTRO JÚNIOR. L. V. (org.). **Festa e corpo**: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 11-13.

Endereço das(os) Autoras(es):

Adriana Priscilla Costa Cavalcanti
Universidade Estadual de Feira de Santana
Caminho 48, casa 46, Conjunto Feira VII – Bairro Tomba
Feira de Santana – BA – 44.091-650
Endereço eletrônico: adrianacosta@uefs.br

Luís Vitor Castro Júnior
Universidade Estadual de Feira de Santana
Rua da Graça, n. 308, Ap. 102 – Bairro Graça
Salvador – BA – 40.150-055
Endereço eletrônico: axevisor@gmail.com

Coriolano Pereira da Rocha Junior
Universidade Federal da Bahia
Rua Alagoinhas, 489/504A – Rio Vermelho
Salvador – Bahia – 41.940-620
Endereço eletrônico: corijr@ufba.br